

No tabuleiro globalizado

De repente, as pessoas comuns – o cidadão que trabalha, volta para casa e assiste ao noticiário noturno – tiveram de se dar conta de que, da noite para o dia, grandes problemas poderiam surgir impactando o país e, conseqüentemente, suas vidas. Que empresas poderiam virar poeira, assim como empregos e a estrutura de fornecimento de produtos. Que o mercado financeiro global poderia, com a velocidade da luz, mudar de um continente para o outro fortunas, que determinavam a sobrevivência de nações inteiras.

Esse era o mundo que se desenhava para todos nós. No qual tínhamos de continuar vivendo, trabalhando, fazendo negócios, tentando prosperar e sermos felizes, traçando estratégias, aproveitando brechas e oportunidades. É o que estávamos fazendo, mesmo que alguns países, como o nosso, se mostrassem tão suscetíveis aos contágios das crises ocorridas nas regiões mais remotas. Episódios que antigamente não nos afetariam.

Mas o novo milênio havia apagado também essa realidade. “Antigamente” não contava mais. O mundo globalizado era agora uma coisa só, que respondia a um único clique de computador. O mundo virara uma rede.

Os anos 2000 tinham entrado em cena sem dar tempo a ninguém para respirar fundo. O Plano Real já demonstrava necessidades de aprimoramento. A inflação estava à espreita, por trás de fatores como a desvalorização da moeda, endividamento público, esvaziamento de nossas reservas internacionais e desemprego.

O cenário globalizado impunha realinhamentos das políticas socioeconômicas internacionais. As empresas deveriam levar em conta variáveis ainda pouco conhecidas – como a chegada ao

Os processos de aprofundamento da integração econômica, social, cultural e política mundial pela primeira vez fizeram-se sentir abertamente pela população em geral. Os reflexos da globalização no limiar do século XXI confundiram causas e conseqüências de um canto a outro do planeta: a crise econômica de um país repercute quase que instantaneamente em outro continente; mudanças políticas locais têm repercussões globais; ao mesmo tempo, descobertas tecnológicas e bens culturais atravessam fronteiras dando a ilusão da simultaneidade.



Em 27 de fevereiro de 2001, aos 88 anos, falecia Walther Moreira Salles, em sua casa de Araras, distrito de Petrópolis (RJ).

Brasil de grandes grupos financeiros que vinham se formando, alterando a geopolítica mundial. As crises asiática e russa, de 1997 e 1998, respectivamente, afetaram de forma aguda o desempenho macroeconômico e comercial das economias do Mercosul. Em 1999, o Plano Real foi atingido e a moeda despencou. Para agravar ainda mais a situação, trazendo novos sobressaltos à rotina da população, nossa precariedade de infraestrutura foi evidenciada quando, em 2001, ocorreu a crise energética, o apagão, que obrigou o país a um severo racionamento. Foi nesse cenário que se desencadeou a campanha sucessória presidencial. Era evidente a rejeição ao governo e a força de Luiz Inácio Lula da Silva, o candidato do PT – o que trazia preocupações a alguns setores do meio empresarial.

Enquanto isso, Itaú e Unibanco procuravam avançar, considerando a projeção de cenários que formulavam para o país, combinando visão de futuro e determinação de crescerem mesmo na turbulência econômica, até porque, segundo as concepções e projetos de ambas as instituições, essa era a única via para se impor diante das adversidades da conjuntura.

Perdas

Tanto o Itaú quanto o Unibanco tiveram perdas afetivas significativas nesse período.

Em 27 de fevereiro de 2001, aos 88 anos, falecia Walther Moreira Salles, em sua casa de Araras, distrito de Petrópolis (RJ). Saía de cena o embaixador, personagem que elevou o antigo Banco Moreira Salles à condição de instituição internacional, agente social que desempenhou papel histórico na interlocução com as comunidades financeiras mundiais, figura pública de relevo.

Em 18 de abril de 2001, aos 93 anos, falecia Eudoro Libânio Villela, que desde 1996 se afastara do Itaú em razão da saúde abalada. Era cientista de formação, responsável pelas primeiras horas do crescimento do grupo, um de seus pilares estruturais e também seu maior acionista. Deixava uma filha, Milú Villela, e quatro netos: Ricardo e Rodolfo Villela Marino, filhos de Milú; e Alfredo Villela Filho e Ana Lúcia Villela, filhos do falecido filho Alfredo Villela. Assentados nos valores da meritocracia, três deles na época ocupavam postos no banco: Alfredo Villela Filho, Ricardo e Rodolfo Villela Marino.

Em 27 de agosto de 2008, aos 85 anos, falecia Olavo Setubal, presidente executivo da Itaúsa e presidente do Conselho de Administração do Itaú. Empresário, industrial, banqueiro e homem público, nas palavras de Pedro Malan, “era uma força da natureza”.¹ Na ocasião, Pedro Moreira Salles em declaração à *Folha de S. Paulo*, resumiu a importância do personagem para o país: “Olavo Setubal

foi um dos pilares da geração que edificou o sistema financeiro brasileiro. Fez isso com a mesma dedicação com que se atirou às funções de homem público, seja na Prefeitura de São Paulo, seja no papel de chanceler, que exerceu no momento em que o país vivia sua reabertura política e econômica. Por isso, seu legado vai além das realizações do conglomerado Itaú, hoje muito bem administrado por sucessores que tiveram nele sua principal fonte de inspiração. Se os bancos brasileiros são vistos em todo o mundo como modelo de solidez e inovação, muito dessa reputação se deve à filosofia de trabalho do dr. Olavo”.

Olavo ainda seria consultado, e teria oportunidade de opinar favoravelmente, com toda a sua experiência e discernimento, sobre a fusão do Itaú e do Unibanco. Mesmo a certa distância dos negócios, foi algo que o entusiasmou nos últimos meses de vida. Ele faleceu antes de assistir à concretização do projeto.

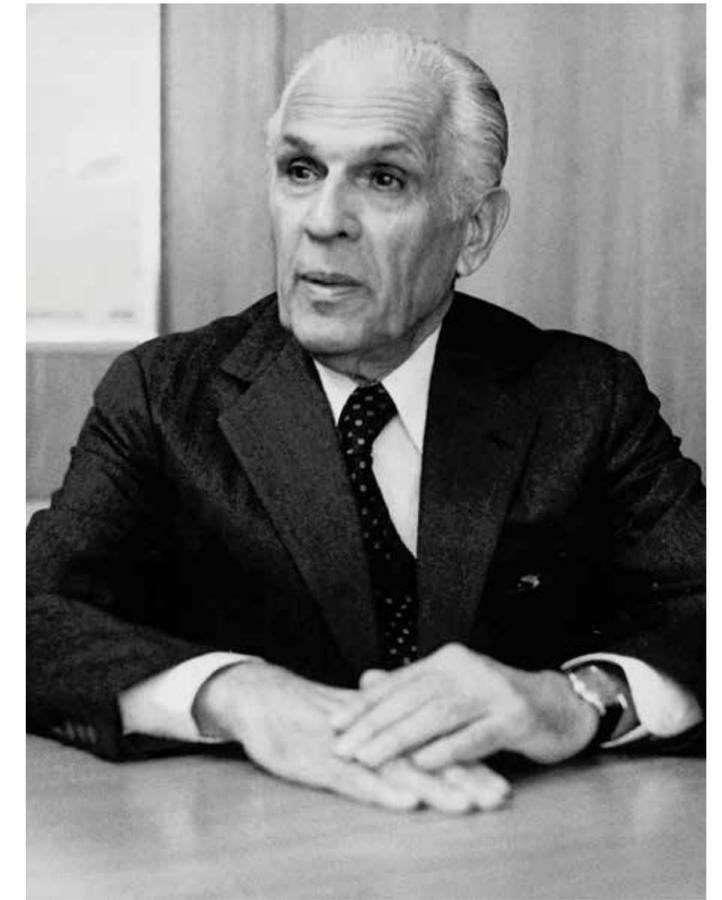
Esses homens entraram no novo milênio como responsáveis pelos raros bancos brasileiros sobreviventes, ultrapassando toda a sorte de injunções políticas, econômicas e sociais. Suas instituições chegaram ao século XXI íntegras e compromissadas com o crescimento do país em várias dimensões.

A perda dos patriarcas não gerou impactos societários ou administrativos.

O embaixador Walther Moreira Salles já fizera seu testamento, acertando em vida as participações dos quatro filhos. Desses, o mais velho, Fernando, depois de longa e bem-sucedida carreira no banco, respondia pela Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM), ao lado da atividade de editor e escritor. Pedro ficaria à frente do banco. Walther Moreira Salles Junior e João Moreira Salles desenvolveram carreiras no cinema e na imprensa. Entre a extensa filmografia de ambos, basta lembrar, de Waltinho, o filme *Central do Brasil*, indicado ao Oscar em 1999 como melhor filme estrangeiro; de João, entre tantos documentários, vale lembrar *Notícias de uma Guerra Particular* (1999), e sua participação na imprensa com a bem-sucedida *Piauí*, revista mensal, lançada em 2006.

Quanto à associação Villela e Setubal, as famílias dividiam o controle da Itaúsa, unindo-se formalmente na empresa ESA – iniciais do sobrenome do patriarca fundador Alfredo Egidio Souza Aranha –, criada especialmente para o controle acionário do grupo.

No novo milênio, Roberto Setubal e Pedro Moreira Salles passavam a ser os personagens centrais das trajetórias do Itaú Unibanco, precisando responder às demandas da nova ordem mundial e às transformações de um Brasil que agora respondia pelo B da sigla BRIC,² referente aos países que, segundo algumas previsões, nas próximas décadas se tornariam decisivos na economia mundial. O economista Jim O’Neill,



Banqueiro, empresário e médico, Eudoro Libânio Villela faleceu em 18 de abril de 2001, aos 93 anos.



Em 27 de agosto de 2008, aos 85 anos, falecia Olavo Setubal, presidente do Conselho de Administração da Itaúsa. Empresário, industrial, banqueiro e homem público. Na foto acima, a família reunida nas comemorações de seus 80 anos.

do grupo Goldman Sachs, em 2001, por exemplo, declarou que Brasil, Rússia, Índia e China caminhavam para se tornarem representantes da “economia da vez”, as nações que mais tinham potencial para prosperar.

Itaú: feito para você

Nos primeiros anos da década, apesar das turbulências, Roberto Setubal, como presidente do Itaú, prosseguiu com aquisições de bancos estatais, bancos particulares e unidades de crédito, aumentando também a participação acionária na Credicard a partir da aquisição da parte dos sócios, um dos quais era o Unibanco. E mais: ampliou os financiamentos, desde os voltados para segmento de clientes não correntistas de baixa renda até àqueles de alta renda. Além disso, expandiu o crédito para o mercado de veículos, previdência e seguros, e para o mercado imobiliário, além de instituir o crédito consignado.

Logo, o Itaú se caracterizava por identificar e captar previamente as oportunidades do mercado, vindo ao encontro de uma população



O presidente do Conselho de Administração do Grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz, cumprimenta o presidente do Banco Itaú, Roberto Setubal, durante coletiva sobre a criação de uma financeira das duas instituições.

tomada por sonhos de consumo repesados. Com a estabilidade da moeda, o país dava sinais de prosperidade, representados principalmente por segmentos da população antes excluídos do consumo que melhoravam sua qualidade de vida. Emergia uma nova classe média. Assim, o Itaú se apresentou com produtos financeiros para aquisição da casa própria e do automóvel pessoal, assim como para investimento em negócios próprios – da micro à média empresa.

Novas aquisições de instituições financeiras revelavam a determinação de crescer e a busca por maior competitividade, características da gestão de Roberto Setubal. Em 2 de dezembro de 2003 (um mês após a compra do BBA-Creditanstalt), a holding Itaú anunciava a aquisição de 99,99% do capital total do Banco Fiat, por R\$ 897 milhões. O Itaú mantinha, então, a segunda posição entre os maiores bancos privados brasileiros em volume de ativos, ampliando suas possibilidades para as atividades de consórcio. E ampliou a oferta de crédito também com associações relevantes como a Companhia Brasileira de Distribuição (CDB), em 2004, e o Banco Carrefour, entre outras.

Em 2005, com a aquisição da fatia da participação do Unibanco na Credicard, ampliou sua atuação captando o segmento de não correntistas.



Roberto Setubal e Geraldo Carbone na coletiva para a imprensa sobre a compra do BankBoston em 2 de maio de 2006.

Em 2 de maio de 2006, um negócio de vulto: o anúncio da compra das operações do BankBoston no Brasil, então controlado pelo Bank of America. Em agosto do mesmo ano, o Itaú exerceria a opção de compra das unidades do BankBoston no Chile e no Uruguai.

No fim de semana de 2 de setembro – em uma operação totalmente orquestrada – as 73 agências no Brasil anoiteceram BankBoston e amanheceram Itaú Personnalité. O banco ascendia do quarto para o terceiro lugar no *ranking* de ativos. O economista Fernando Nogueira da Costa, estudioso da história bancária no Brasil, situa o amplo significado da aquisição do BankBoston: “A atuação internacional do Banco Itaú ganhou impulso com a operação de aquisição do BankBoston International e do BankBoston Trust Company Limited por meio de sua subsidiária Banco Itaú Europa Luxembourg S.A. Foram iniciativas que reforçavam o objetivo estratégico de alcançar, no prazo de cinco anos, posição entre as três melhores operações de *private banking* para clientes latino-americanos”.³

Enfim, as aquisições do Banerj, Bemge, Banestado, BEG, do Banco Fiat, do BankBoston e, em especial, a fusão com o BBA marcaram o



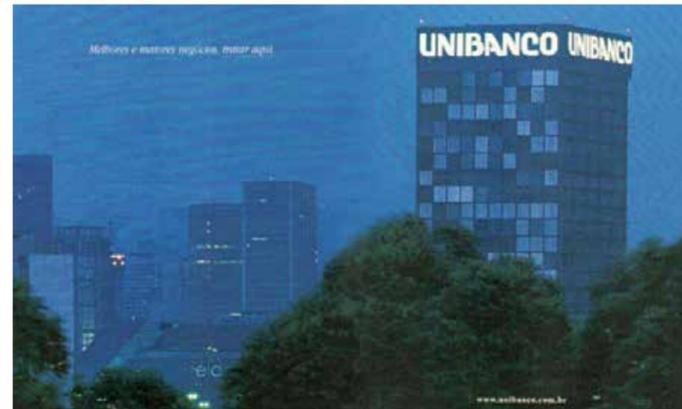
crescimento do grupo na primeira década do novo milênio. E o Itaú não pretendia parar por aí. É claro que já se antevia que em breve o mercado brasileiro seria palco de uma disputa acirrada – e dessa vez com pesos-pesados internacionais. Era mais uma perspectiva compartilhada pelo Itaú e o Unibanco, que influenciou na aproximação das duas instituições.

Unibanco: inovando para você

Em 2004, o Unibanco celebrava sua vitalidade em vários segmentos com uma nova configuração da marca. Saía a cor preta e entrava a azul, enquanto se recuperava o tradicional ícone das alianças entrelaçadas, simbolizando o trabalho em equipe, a sinergia entre todas as áreas e negócios, a capacidade de transformação do banco.

No Conselho de Administração, Pedro Moreira Salles ocupava a presidência, Gabriel Jorge Ferreira e Pedro Malan as vice-presidências

O Itaú, que inovou no atendimento segmentado ao cliente ainda na década de 1970, e em 1995 herdou a marca Personnalité com a compra do Banco Francês e Brasileiro, em 2006 transforma as 73 agências brasileiras do BankBoston em Itaú Personnalité, literalmente, da noite para o dia.



Foi em 2004 que a marca criada por Aloísio Magalhães ganhou nova configuração. As tradicionais três alianças entrelaçadas ganharam a cor azul. Na publicidade acima, o edifício de 22 andares na rua Eusébio Matoso, São Paulo, que tornou-se uma referência para quem circulava na região.

e Israel Vainboim, Tomas Zinner, Pedro Bodin de Moraes e Armínio Fraga Neto atuavam como conselheiros.

Desde 1998, Pedro Moreira Salles respondia pela presidência do Conselho do Unibanco. Em julho de 2004, aos 44 anos, assume a presidência executiva, imprimindo radical reestruturação ao grupo, com novo organograma, não mais assentado na antiga estrutura de pilares estanques, mas procurando sinergia entre as áreas, com novos colaboradores, não por acaso próximos de sua faixa etária. Entre as várias iniciativas – além da drástica redução de custos em tempos de moeda estável –, assumiu conjuntamente o comando dos bancos de atacado e de varejo, quando criou cargos de vice-presidente para ambos, ocupados respectivamente por João Dionísio Amoedo e Marcio Schettini. A área de riscos (mercado, crédito, operacional), pesquisa macroeconômica e estrutura ficavam sob a responsabilidade de Daniel Gleizer, ex-diretor do Banco Central. Também ocupavam cargos de vice-presidentes no banco Zeca Rudge, à frente das áreas de Seguros e Previdência, e Demosthenes Madureira, responsável por Atacado e Gestão de Patrimônios.

O Unibanco reforçava sua imagem de banco dos economistas e, principalmente, de economistas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pedro Malan, que desde 2004, a convite de Pedro Moreira Salles, se tornara presidente do Conselho de Administração, situa o significado da tradicional universidade na história econômica do país: “Pelo menos 13 ministros e presidentes do Banco Central passaram de alguma maneira pelo Departamento de Economia da PUC-RIO. Todo ano, uma meia dúzia de alunos parte para as melhores escolas e instituições americanas e europeias para completar os estudos. Alguns dos mais brilhantes economistas brasileiros que passaram pelo Unibanco, como o Pérsio Arida e o André Lara Rezende, são todos da PUC-RIO. É uma contribuição significativa para o pensamento econômico do país”.⁴

De fato, antigos quadros da instituição foram substituídos por economistas da PUC-RIO, em sua maioria com experiências recentes no governo, parte deles tendo constituído o núcleo duro do Plano Real. Os nomes de Pérsio Arida, André Lara Rezende, Armínio Fraga e Pedro Bodin fizeram parte, em momentos alternados, das transformações conduzidas por Pedro Moreira Salles na nova etapa da instituição.

Em retrospectiva da década, registravam-se, em 2001, as associações estratégicas com as redes de varejo Ponto Frio e Magazine Luiza. Em 2003, o sucesso do programa ContAtiva, com seu término antes da data prevista, levando ao lançamento do programa ContAtiva2, com vistas a conquistar 3,6 milhões de clientes em cinco anos. No mesmo ano, o Unibanco adquiriu a Creditec, consolidando

ainda mais sua posição de liderança no segmento de crédito ao consumidor, enquanto unificava suas operações de cartão de crédito sob a marca Unicard.

Em 2003, aconteceram importantes mudanças societárias: uma oferta de permuta dá o direito a todos os acionistas preferenciais de converter suas ações em *units* (certificados de depósito de ações representativos de uma ação preferencial da Unibanco Holding e uma ação preferencial do Unibanco); uma oferta global de dois grandes acionistas, o Mizuho, que vende toda a sua participação, e o Commerzbank, que disponibiliza uma parcela de sua participação, permite um aumento significativo de liquidez das ações do Unibanco no mercado brasileiro.

Em 2004, houve a compra do HiperCard, principal forma de pagamento das lojas Bompreço, aceito em mais de 70.000 estabelecimentos comerciais do Nordeste.

Em 16 de junho de 2004, após seis meses de negociação, o Unibanco adquiriu o Banco BNL do Brasil, instituição que pertencia à Banca Nazionale del Lavoro (BNL) da Itália. O BNL do Brasil possuía operações de cartão de crédito e de crédito ao consumidor que alcançavam 107 mil clientes e 96 mil cartões emitidos. O negócio também reforçou as operações de atacado do Unibanco, mas não produziu mudanças no *ranking*. Aliás, naquela altura, não era o que priorizava a direção do Unibanco, a se julgar pela declaração de Pedro Moreira Salles, em entrevista de 2007 ao jornal *Valor Econômico*: “Nós não estamos atrás de participação de mercado e posição em *ranking*, estamos atrás de resultados. Essa é a lição do banco”.

Em 2004, o Unibanco foi uma das primeiras instituições bancárias a aderir aos “Princípios do Equador”, iniciativa do International Finance Corporation – braço financeiro do Banco Mundial – que privilegiava a concessão de crédito a projetos desenvolvidos de forma social e ambientalmente responsável. Em 2006, estabeleceu parcerias com o Banco Cruzeiro do Sul, o Grupo Ipiranga e o Grupo VR.

Em 2007, comemorava 10 anos de ações listadas na NYSE, tendo sido o primeiro banco brasileiro a ter ações lançadas no mercado americano. Foi também considerado a Melhor Companhia para os Acionistas em 2007, entre as empresas com valor de mercado superior a R\$ 15 bilhões, segundo a revista *Capital Aberto*. Neste mesmo ano, conquistou o prêmio de Banco do Ano em mercados emergentes na categoria Meio Ambiente, Sociedade e Governança Corporativa, organizado pela revista *The Banker*, do grupo Financial Times.

Mas sobreveio o inesperado. A crise de 2008.

A partir daí, a história do Itaú e do Unibanco mudaria por completo.



Em 2004, houve a compra do HiperCard, principal forma de pagamento das lojas Bompreço, aceito em mais de 70.000 estabelecimentos comerciais do Nordeste.

Década de 2000

A década das crises globais



O primeiro ano do século XXI. O primeiro ano do novo milênio. Mesmo quem nunca foi supersticioso não poderia deixar de alimentar certa expectativa com aquela passagem de ano, tão mais significativa – pelo menos em termos simbólicos – do que as anteriores. No mínimo, foi o *réveillon* da virada de um século, coisa que poucas pessoas no mundo haviam vivido ou viveriam.

Os bons augúrios, no entanto, eram escassos. Não bastasse a crise global, o mundo assistiu horrorizado à transmissão ao vivo do ataque terrorista às torres do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001. Em decorrência, mais guerras: Afeganistão, Iraque.

A China cresce cada vez mais de importância no cenário econômico mundial e torna-se o cliente preferencial até mesmo de seus inimigos políticos – e aliás, a ideologia já não define coisa alguma. Tudo são negócios. Desde o massacre da Praça Celestial, em 1989, fica cada vez mais difícil entender o que é o socialismo chinês. Mas assim também acontece com os regimes políticos pelo mundo inteiro. É cada vez mais difícil compreendê-los.

No ano de 2002, em alguns momentos, tudo pareceu perdido para os brasileiros. O dólar disparou e chegou a quatro reais, o que encareceu todos os produtos importados,

elevando perigosamente a inflação. Era difícil conseguir crédito no exterior, porque o risco do país chegou a 2.400 pontos.

No Brasil, entre esperanças, de um lado, e apreensões, de outro, Lula, disputando pela 4ª vez a Presidência da República, vence as eleições. Durante a campanha, ele afirmara várias vezes que surpreenderia tanto a esquerda como a direita. E conseguiu. Manteve a estabilização da moeda e, ao mesmo tempo, introduziu na política do Estado ações inéditas de inclusão social. Houve atropelos, acusações, escândalos – e a tudo a economia mostrou-se impassível. Parecia blindada. Assim também seguia a popularidade ascendente de Lula. Isso sossegou os ânimos. Lula seria reeleito com folgas em 2006.

Na ciência, a computação oferece recursos que nem a ficção científica previra. Surgem as redes sociais, mudando as relações entre as pessoas. Está cada vez mais complexo e enigmático o universo digital mas, por outro lado, é ele quem interliga os iniciados com progressiva intensidade, acentuando o sentimento de “globalização”. Há quem não passe um único segundo desconectado. E esse é justamente o problema: começa a ganhar força a preocupação com a exclusão digital, toda uma população fora da rede.

Nos EUA, um afrodescendente, Barack Obama, faz história: é o primeiro presidente negro eleito no país onde Martin Luther King, cerca de 40 anos antes, discursava: “Eu tenho um sonho”.

Mas o estigma das crises perseguiria a década.



Em 11 de setembro de 2001, olhos estarecidos de todo o mundo acompanharam os atentados às Torres Gêmeas.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o vice-presidente José de Alencar Sobrinho sobem a rampa do Palácio do Planalto, observados pelos Dragões da Independência e por milhares de pessoas que assistiam à cerimônia da Praça dos Três Poderes em 1º de janeiro de 2007 em Brasília.



Barack Obama, eleito em 2008, torna-se o primeiro presidente negro da maior potência mundial, os Estados Unidos.

A Casa da Prata

“Ali, entre as árvores e as esculturas, quero que depositem minhas cinzas um dia.”

OLAVO SETUBAL



Hoje rebatizada de Vila Setubal, a Casa da Prata se tornou um lugar em memória de Olavo Setubal. Era onde ele guardava as obras de arte de sua coleção particular, assim como uma infinidade de objetos colecionados ao longo de sua vida, e principalmente das viagens, com Tide.

A casa fica em Águas da Prata, na encosta da Serra da Mantiqueira, a mais de 200 km de São Paulo. Ocupando um quarteirão inteiro, já estava na família de Matilde há muitas gerações, quando Olavo a comprou, em 1973, para fazer um presente à esposa. Aos poucos, ele também foi se apaixonando pela propriedade e levando para lá seus tesouros mais prezados – é um verdadeiro “memorial familiar” com peças compradas nas viagens do casal, entre muitas outras relíquias do cotidiano doméstico.

Também convidava amigos e pessoas de seu convívio para compartilhar momentos no local.

Nas paredes, pode-se encontrar quadros de Eliseo Visconti, Almeida Jr., Maria Helena Vieira da Silva, Klimt (*Retrato de Adele Bloch Bauer, 1907*) e gravuras japonesas.

Para um olhar atento, a Casa da Prata reflete muito do espírito do próprio Olavo. Ali, ao lado de preciosidades arqueológicas, estão fotos dos filhos, quando crianças, e de toda a família. Lá, ele guardava exemplares de todas as obras do pai – e aparentemente somente ali deixou transparecer todo o afeto que o ligava ao poeta Paulo Setubal –, cuidadosamente encadernadas, em lugar de destaque nas estantes. Há também almofadas onde estão bordados versos de Paulo Setubal, convivendo, despojadamente com obras de arte, como quadros de Manabu Mabe

e Tarsila do Amaral e com objetos simples do cotidiano, lembranças que somente têm significado para quem as colocou lá – para poder olhá-las sempre, para viver rodeado por esses objetos.

A Casa da Prata guarda um precioso acervo artístico. É também a súpula afetiva de uma vida e ao mesmo tempo uma habitação simples, um lugar para se morar, para se desfrutar do que se aprecia, para se reunir a família, para lembrá-los e homenageá-los, para se cultivar a saudade.

Foi na Casa da Prata que Olavo Setubal obteve serenidade para usufruir os últimos anos de sua vida. E, obedecendo a seu pedido, foi naquele jardim – entre as cerejeiras e as esculturas de Maria Martins intituladas *A Sombra*, que suas cinzas foram depositadas.



Olavo Setubal à entrada da Casa da Prata, refúgio onde recebia seus entes mais queridos.

O jardim, com as esculturas de Maria Martins, onde a seu pedido foram depositadas suas cinzas.

Nas paredes, a memória de toda a família – fotos, textos e documentos homenageiam várias gerações.

Em uma das salas, a convivência pacífica entre obras de arte e recordações de família.

O engenheiro responsável por boa parte da formação e desenvolvimento do Banco Itaú guardava nos jardins da Casa da Prata – literal e singelamente – o banco que o Banco Federal de Crédito oferecera à cidade de Águas da Prata.

A biblioteca da Casa da Prata, mais um recanto sofisticado e repleto de memórias da família.

A placa da rua dos Amores, endereço onde, em 1947, Olavo Setubal e Renato Refinetti abriram a Deca Artefatos Ltda.

